

## As representações como propiciadoras de identidade: a circularidade entre o discurso da cultura erudita e as práticas populares na Idade Média Central

Pablo Gatt Albuquerque de Oliveira, UFMA<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender como distintos grupos sociais, durante a Idade Média Central, garantiram as suas identidades por intermédio de um sistema de representações. Uma vez analisadas tais representações, discutiremos como se deram as relações entre a “cultura erudita” e a “cultura popular”, visto que, intrínsecas, compreendemos a circularidade das ideias e percebemos as práxis sociais estabelecidas entre ambas as culturas, assim como as suas divergências e apropriações.

**Palavras-chave:** Cultura, Idade Média, Popular, Erudito.

### Abstract

The present article has the objective of understanding how distinct social groups, during the Central Middle Ages, guaranteed their identities through the system of representations. Once analyzed such representations we will discuss how worked the relations between “erudite culture” and “popular culture”, since, intrinsic, we understand the circularity of ideas and perceive the social praxis among both cultures, as well as their divergences and appropriations.

**Keywords:** Culture, Middle Ages, Popular, Erudite.

### Introdução

Ao analisarmos o período medieval<sup>2</sup> encontramos uma massiva e brilhante produção intelectual, assim como, uma vivência no que concerne o social e o espiritual, uma vez que nos deparamos com a hegemonia religiosa ao se estudar o período, em que a força e o poder do alto clero latino chegaram a locais em que o poder real não conseguirá alcançar, produzindo *discursos* e *representações* de efeitos de verdade.

Dado a existência de inúmeras possibilidades temporais à análise histórica optaremos pela longa duração no que diz respeito as estruturas sociais e os quadros mentais, pois é a partir dessas estruturas de longas durações que realidades sobrevivem por muito tempo e são obstáculos aos quais os homens não podem se libertar (BRAUDEL 1969, p. 49). Portanto, tudo no período medieval perpassa o viés do Cristianismo e o indivíduo daquele momento é

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: Gattpablo@gmail.com

<sup>2</sup> O período que conhecemos como Idade Média foi o tempo do apogeu do Cristianismo. O termo Idade Média é uma rotulação *a posteriori* ao próprio período. O conceito carrega em si um teor preconceituoso e de desprezo, criado no século XVI, como negação ao período e reforçado no século XVII pelo francês Charles De Frisne Du Cange e pelo alemão Christoph Keller. Usaremos neste trabalho como temporalidade a duração para referenciar-nos a temporalidade que abarca a Idade Média Central (sécs. X-XIV), entretanto, qualquer que fosse o fim do período aconteceria devido a parusia. Para mais informações consultar a obra de Hilário Franco Junior, *Idade Média: Nascimento do Ocidente* (2001).

um sujeito cristão (SCHMITT, 2014, p. 228), em que o “eu” é dominado pelo problema da carne e do pecado.

Nesse sentido, privilegiaremos uma pesquisa voltada para a não bipolarização do poder, dado que os *discursos* religiosos não foram totalmente eficazes, visto a existência de práticas heréticas que permearam o centro medieval, como o movimento dos Valdenses entre os anos de 1180-1260. No que corresponde o pensamento análogo medieval, pleitearemos as relações entre o mundo do divino e o mundo humano, pois o Cristianismo não existiu sem a prática mitológica, assim como qualquer outra religião (FRANCO JUNIOR, 2010, p. 22). De fato, nos deparamos durante o período analisado com o mito do Pecado Original e posteriormente ao século XII, com o mito mariano, tendo como principal material de estudo para esses mitos medievais os textos bíblicos ou apócrifos.<sup>3</sup>

Ou, inversamente, não é porque o Éden ou a Cocanha não existiram no plano concreto que deixaram de ser sonhados, buscados, transformando-se assim em dados históricos. Para uma análise histórica interessa bem menos o que era considerado mito ou realidade, e sim como e por que era visto de uma ou de outra forma sociedade estudada. (FRANCO JUNIOR, 2010, p. 31).

Presentes no imaginário desses homens, os males do orgulho carnal e o corpo negado pela sua sexualidade, entretanto valorizado como instrumento de salvação, são marcas da cultura cristã centro-medieval, dado que o desejo sexual e o Pecado Original estiveram conectados no imaginário social do período.

Sendo assim, para entendermos as relações e a circularidade entre as culturas, Roger Chartier (1995, p. 29), em um de seus textos, intitulado de *Popular Culture, an Interdisciplinary Conference* promovido pelo Massachusetts Institute of Technology em outubro de 1992, considera que o destino historiográfico acerca da “cultura popular” sempre será o de ser abafado. Entretanto, a Nova História Cultural, surgida no século XX, trouxe consigo diversificados objetos de estudo, conduzindo à uma polissemia para a noção de cultura. José D’Assunção Barros em *O campo da história* (2004, p. 45), compreende que a Nova História Social do Cultural deixou de lado um fazer histórico focado apenas na análise das fontes oficiais, passando a analisar todos os tipos de manifestações culturais produzidas através do viés popular, não anulando o seu espaço de recepção, assim como suas práticas discursivas e linguagem, uma vez que até então o estudo cultural estava focado apenas na

---

<sup>3</sup> Para mais informações consultar a obra *História Noturna*. GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

investigação erudita, ao negar aos grupos considerados como subalternos pela historiografia do século XIX.

Por intermédio desse novo fazer-se da história a Nova História Cultural passou a trabalhar com novos objetos, tais como a linguagem, as representações, as práticas e a circularidade das ideias, defendidos principalmente por Roger Chartier e Carlo Ginzburg, principais expoentes dessa nova vertente analítica. Segundo Barros (2004, p. 65), a Nova História Cultural estudará os mecanismos de produção e recepção cultural dentro de um certo contexto social, ponto importantíssimo para a realização do nosso trabalho, uma vez que serão analisadas as representações advindas do alto clero latino medieval, chamados de *Estabelecidos*.<sup>4</sup> Analisaremos as representações produzidas pelos grupos dos *outsiders*, e a circularidade das ideias existente entre ambos, não compreendendo a noção de “cultura popular” como o que fora negado pela cultura daqueles que se encontravam no poder.<sup>5</sup>

Contudo, qualquer enfoque dado a determinado objeto histórico, enquanto pesquisa referente à Idade Média Central, sempre estará atrelado ao cunho religioso, posto os homens desse período não se conheciam fora dos pilares cristãos, pois, segundo Marc Bloch em *A sociedade medieval* (2014), a religião era vivida, sentida e coletivizada por todos os indivíduos.

### **As representações como propiciadoras de identidades: a alteridade entre os grupos sociais no centro medievo**

Partindo do princípio de que não existe uma cultura dominante ou uma cultura fechada em si, seja ela erudita ou popular, e uma vez que cultura e religião estão relacionadas, ao menos como objetivo deste artigo, trabalharemos com os *discursos* religiosos, as representações, as práticas e a circularidade das ideias, entre os grupos *Estabelecidos* e *Outsiders*, uma vez que tais *discursos* eram produzidos e propagados por uma parcela erudita,

---

<sup>4</sup> Defendido por Norbert Elias em sua obra *Estabelecidos e Outsiders* (2000), tal conceito refere a aqueles grupos de indivíduos que se encontram no poder, anteriormente, a chegada de novos membros a comunidade ao qual fazer parte.

<sup>5</sup> Ainda em Norbert Elias, em sua obra *Estabelecidos e Outsiders* (2000), tal conceito se refere ao grupo de indivíduos excluídos do poder e da sociedade por uma parcela dominante. Referente a Idade Média Central, os *Outsiders* serão aqueles indivíduos considerados contrários a moral cristã e praticantes de atos pecaminosos, uma vez que tal grupo será necessário para a manutenção da ordem social medieval pois, se estigmatizados como culpados, são a alteridade da conduta correta de vida.

ou seja, a parcela dos grupos do alto clero latino<sup>6</sup>, objetivando o cumprimento de normas sociais

Um dos principais representantes da Nova História Cultural fora Roger Chartier, sendo que sua imprescindível contribuição está voltada para as noções de práticas e de representações, ou seja, os modos de falar e os modos de ver respectivamente, uma vez que agora analisamos o viés cultural por esses dois polos, assim como os seus objetos de pesquisa. Chartier (1995), compreende que não existe uma separação exata entre erudito e popular ou entre os grupos sociais ao delimitar ou classificar uma cultura como superior ou inferior, entretanto, ambas as dimensões estarão sempre em contato, realizando por assim dizer, a circularidade das ideias. Segundo Chartier (1995), a cultura popular, uma vez que abafada ou reprimida, sempre renascerá das cinzas, havendo apropriações culturais por parte de ambos os grupos.

O "popular" não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. (CHARTIER, 1995, p. 184).

Em *A história ou a leitura do tempo* (2010, p. 12), Roger Chartier nos esclarece que as representações garantem aos indivíduos ou aos grupos uma visão sobre si e perante aos outros, assegurando aos grupos que se encontram no poder que as suas condutas e ritos sejam vistas e consideradas como corretas, porém, não dominantes. Sendo assim, é partir de tais representações que se buscará compreender como em cada época essas relações conflituosas entre as representações impostas e identidades eram estabelecidas.

De fato, essa noção permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos. (CHARTIER, 2010, p. 50).

---

<sup>6</sup> O alto clero latino são os representantes máximo do poder da Igreja Católica no centro-medieval. Cardeais, bispos ou sacerdotes, advindos de famílias ricas, foram os responsáveis pelos ditames da Instituição religiosa. Ver mais em: LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1989.

Chartier (2010, p. 24), nos mostra que as representações estão diretamente ligadas a como os indivíduos percebem os acontecimentos a sua volta, creem e agem perante o contexto social do qual fazem parte. Essas representações são as responsáveis por reconhecer certos grupos e excluir outros, assim como determinar condutas de vida, como fora o caso do alto clero latino, representante da Igreja Católica no centro medieval, ao impor seus valores como genuínos e gerais a toda sociedade, como por exemplo, a continuação da prática ascética do movimento estoico de proibição do sexo quando realizado por prazer. Ao permitir a realização do ato sexual diante da instituição do matrimônio monogâmico e apenas para reprodução, considerando que não se deve e não se pode generalizar a predominância católica para todo o período medieval, assim como não se deve impor tal legitimidade para todos os espaços sociais do período analisado, a Instituição religiosa produziu *discursos* de efeitos de verdade.

Entretanto, Chartier (2010, p. 45), nos esclarece que esses modelos, *discursos* e práticas culturais não são dominantes apenas por serem produzidos e defendidos pelo alto clero latino, já que se encontravam no poder, mas são legitimadores de práticas sociais, uma vez que esses *discursos* esperavam o cumprimento de estipuladas condutas de vida para todos os homens daquela sociedade. Além disso, há sempre brechas entre o *discurso* e as práticas sociais. Jeffrey Richards em sua obra *Sexo, desvio e danação* (1993, p. 119), nos mostra a ocorrência de inúmeros atos contrários ao que se era esperado e pregado pelos *discursos* do poder religioso, como práticas pecaminosas voltadas para bruxaria, sodomia e prostituição.

A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas. Nessa brecha se insinuam as reformações, os desvios, as apropriações e as resistências. (CHARTIER, 2010, p. 46-47).

A propagação de uma cultura dominante para um cenário geral, em que estão presentes distintos grupos sociais, é impossível aos ditames medievais, pois sempre existirão meios para subverter-se a ordem estabelecida, sendo a oposição entre esses círculos sociais a garantia de identidades à cada um deles. A questão da identidade a qual trabalhamos é um conceito chave, posto que a discordância entre os eruditos ou *Estabelecidos* (a Igreja Católica centro-medieval ou o alto clero latino) e os populares ou *Outsiders* (aqueles adeptos de práticas pecaminosas e contrárias ao discurso estabelecido, como os Cátaros no sul da Gália e norte da Itália entre os anos de 1140-1320) se estabelece justamente pela diferença e pela alteridade.

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham um importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. [...] A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. [...] Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2014, p. 76).

Além disso, essa identidade cristã produzida pelos *discursos* religiosos e propagada a todos os indivíduos desse período, estabelecia determinadas condutas de vida a serem seguidas pelos indivíduos, pois a homogeneidade que abarcou o alto clero latino fora legitimadora de seus *discursos*. De fato, a Instituição religiosa centro-medieval detinha o poder dos *discursos* e neles encontramos restrições à prática livre do ato sexual, uma vez que praticado pela satisfação do desejo desencadearia a imperfeição do cosmos. Para que isso fosse evitado mecanismos como a restrição do ato sexual à determinadas posições sexuais, ou através da permissão do ato em poucas datas do calendário foram estipuladas pelo alto clero latino. Ademais, esses *discursos* são forjados e não são neutros, são tendenciosos pois produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade acima dos demais grupos, como fora a pregação da chegada do fim próximo, “[...] porque nem o sujeito é neutro, nem a realidade social é neutra.” (DEMO, 1995, p. 79).

Uma vez que esse *discurso* carrega em si um caráter de verdade, o mesmo, propagado pela Instituição religiosa objetivou a aceitação de verdades em relação ao corpo, ao sexo e ao pecado, justificando-se no mito do Pecado Original de Adão e Eva, ao buscar a manutenção social do corpo dos cristãos. Aliás, o *discurso* não pertence por completo a nenhuma parcela social, o caráter discursivo e do poder são multifacetados, relacionam-se com os elementos extra discursivos, como por exemplo a hegemonia da Instituição Católica centro-medieval ou o próprio papel institucionalizado do homem do período.

Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (2014, p 56), ao trabalhar com a questão do *discurso* visa nos mostrar que as inúmeras instituições ao se apropriarem dos *discursos* já produzidos, como fora o caso religioso medieval, os trabalha como práticas extremamente verdadeiras e ao exercerem um possível controle sobre tais os mesmos, essas práticas garantem um sistema definido de comportamento, “[...] uma auto-regulação dos sentimentos e da conduta de cada um de seus membros em relação aos *Outsiders*”. (ELIAS, 2000, p. 41).

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. (SILVA, 2014, p. 83).

Nesse sentido, a diferença ou alteridade são criadas pela linguagem, não naturalmente, mas através do poder que o alto clero latino exerceu e que foi adquirido graças ao *discurso* de segregação social. É através das relações sociais marcadas por dois grupos dicotômicos, um tido como *Estabelecidos* (cristãos católicos) e outro denominado de *Outsiders* (desviantes da vertente religiosa), que a esfera de representações no período centro-medieval se definiu, caracterizados pela diferença, porém ao mesmo tempo interligados. Ambos grupos existem em função um do outro, são dependentes, cada um dispendo de suas respectivas identidades, quando os *Estabelecidos* estão no poder, impõem uma hierarquia para toda a sociedade, negando os que são diferentes e os marcando como *Outsiders* em suas representações, assim como foram marcados simbolicamente os judeus e mulçumanos, como grupos não-cristãos.

A partir do momento em que todas as práticas analisadas até aqui se situam na ordem do *discurso* religioso, segundo Chartier (2010, p, 83), temos a bipolarização entre as representações dos *Estabelecidos* e dos *Outsiders*, em que efetivamente ocorre uma circularidade das ideias entre os dois grupos. São nessas representações e nesses *discursos* que se constroem as relações de submissão e de resistência, pois "[...] os dispositivos discursivos e institucionais que, numa dada sociedade, visam a disciplinar os corpos e as práticas ou a modelar as condutas e os pensamentos." (CHARTIER, 1995. p. 186).

### **A circularidade das ideias entre a cultura erudita e as práticas populares**

A impossibilidade de uma cultura fechada em si nos permite tratar a circularidade das ideias e a linguagem das esferas culturais, o problema, porém, encontra-se em como analisar a relação que se desenvolve entre os *discursos* propagados e praticados pelo alto clero latino representante da Igreja Católica centro-medieval e as práticas populares dos *Outsiders*.

E, pelo contrário, a imposição de disciplinas inéditas, a insinuação de novas submissões, a definição e novas regras de conduta sempre devem ceder ou negociar com as representações arraigadas e as tradições partilhadas. Portanto, é inútil pretender identificar a cultura, a religião ou a literatura “popular” a partir de práticas, crenças ou textos que seriam específicos delas. (CHARTIER, 2010, p. 47)

Possibilitada a circularidade de informações e havendo a construção de significados e valores através do viés cultural e social, compreendemos o imaginário como o produtor de realidades e de hierarquizações de valores (BACCEGA, 2015, p. 284). Nesse sentido, o imaginário é um “sistema que concede ordem à natureza, à sociedade e ao homem.” (SCHMITT, 2014, p. 36), do trânsito entre elementos de determinadas parcelas culturais, que

disputam entre si o controle do campo simbólico. Nessa perspectiva, o imaginário do homem da sociedade centro-medieval, em especial do século XIII, atravessa as relações entre a cultura “popular”, o praticado em maior escala, e a cultura letrada, visto que os modelos culturais hegemônicos não anulam os espaços de recepção cultural, portanto, há a possibilidade de práticas contrárias ao *discurso* propagado. Logo, estabelece-se a diferença entre a norma e o vivido, garantindo a existência da heresia contrária ao dogma, pois onde há poder há uma possibilidade da resistência. As diferenças culturais são inegáveis, pois “[...] é apenas por tais contrastes que se pode iluminar a especificidade de uma cultura.” (SCHMITT, 2014, p. 12).

Partindo desse princípio, temos na linguagem a construção da realidade, em que por intermédio da língua elabora-se um conjunto de símbolos que não estão sob o completo domínio de nenhum grupo social, pelo contrário, transitam entrem ambos. Consequência dessa bipolarização entre culturas, porém, interligadas e dependentes, encontramos durante toda a Idade Média Central casos que mostram como a circularidade das ideias esteve presente nesses dois grupos, como foi o caso do moleiro de uma região chamada de Friuli, no século XVI. Menocchio, um senhor já de idade, ao se apropriar dos escritos e da linguagem do grupo que se encontrava no poder, visto a realidade ao qual fazia parte, promoveu uma circularidade do *discurso* erudito, uma vez que fizera uma inversão das ideias propagadas pelo grupo dos *Estabelecidos*, ao difundir ideias contrárias às *Sagrada Escritura*, tais como a forjada criação do mundo ou a falsa virgindade do mito mariano. Além dessas ideias defendidas pelo moleiro, o mesmo criticava os ricos que se escondiam atrás da língua latina e eram defendidos pelo alto clero latino. Acabou sendo morto ao ser queimado vivo no ano de 1599 (GINZBURG, 1988, p. 20). A própria função do *discurso* é a exclusão daquilo que o afronta.

A impressionante convergência entre as posições de um desconhecido moleiro friuliano e as de grupos de intelectuais dos mais refinados e conhecedores de seu tempo propõe com toda força o problema da circularidade da cultura formulado por Bakhtin. (GINZBURG, 1987, p. 25-26).

Assim como formulado por Mikhail Bakhtin, no conceito de circularidade das ideias, que fora utilizado por Carlo Ginzburg, existe uma reciprocidade na cultura dos grupos considerados como subalternos em relação à cultura daqueles que se encontram no poder, havendo uma certa apropriação pelos grupos, como foi o caso de Menocchio. Ao assimilar o que havia lido sobre a criação do mundo, já havendo um conhecimento prévio, culminou-se

na ideia de que o mundo teria a sua origem na putrefação, pois, sempre haverá um espaço entre o que o texto é e a recepção que o leitor concebe.

Tudo o que vimos até agora demonstra que Menocchio não reproduzia simplesmente opiniões e teses de outros. Seu modo de lidar com os livros, suas afirmações deformadas e trabalhosas são sem dúvida sinais de uma reelaboração original. É evidente que esta não partiria do nada. Cada vez com mais nitidez, vemos como ali se encontram, de modos e formas a serem ainda mais precisados, correntes cultas e correntes populares. (GINZBURG, 1987, p. 114).

Principalmente depois que a imprensa fora inventada o monopólio cultural abalou-se literalmente. Não só temos relatos de apropriações culturais, como de práxis sociais diferenciadas daquelas que eram pregadas pelo *discurso* católico centro-medieval. Em consequência de que a Igreja Católica fora hegemônica e não dominante, encontramos durante toda a Idade Média práticas culturais que divergiam dos *discursos* legitimadores de condutas, em que infelizmente, quanto ao fazer histórico, só temos acesso através do texto.

As relações entre ambos os grupos culturais não são fixas, pelo contrário, segundo Chartier (2010, p. 51), são fluidas e dependentes uma da outra. Sendo assim, ao se analisarem as condutas impostas pelos grupos culturais legitimadores, não só durante a Idade Média, encontraremos práticas ou práxis sociais contrárias a essa ordem pré-estabelecida pelos grupos que detinham o poder e que impunham condutas cristãs de vida a serem seguidas para toda a sociedade, como fora o caso das mulheres, consideradas seguidoras de Diana, deusa dos pagãos, perseguidas e julgadas pelo concílio de Trêves em 1310. Tais mulheres foram acusadas de praticarem atos similares às conhecidas como “celeradas”, responsáveis por atos como devorarem homens batizados, serem seguidoras do diabo e até mesmo de voar, como nos exemplifica Carlo Ginzburg em *História noturna: decifrando o Sabá* (2012, p. 234).

Compreender a "cultura popular" significa, então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes desqualificam) sua cultura como inferior ou ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto. (CHARTIER, 1995, p. 184-185).

No momento em que encontramos duas realidades distintas, estaremos lidando com a questão das representações advindas dos *Outsiders* em oposição às normas estabelecidas pela Instituições religiosas do período, ou vice-versa, pois as práticas populares se dão justamente nessas diferenciações às normas tidas como dominantes. Chartier (1995, p. 135), ao trabalhar

com a questão cultural, relata que é necessário haver uma dependência entre os grupos sociais para que haja, de fato, as representações, ao mesmo tempo que essas culturas são aculturadas e aculturantes. Aqueles que detém o poder, irão através de seus discursos e simbolismos operar para que se efetive a aceitação de seus padrões e de seus modos de vida, pois “[...] contra essas formulações radicais, acredito ser preciso lembrar que não é lítico restringir as práticas constitutivas do mundo social à lógica que governa a produção dos discursos.” (CHARTIER, 1995, p. 189).

### **Conclusão**

Neste artigo, pretendeu-se mostrar como a dependência e a circularidade entre os grupos culturais fora eficaz para a construção de representações durante toda a Idade Média, seja pelos grupos *Estabelecidos* ou pelos *Outsiders*.

Compreendendo que as fórmulas consideradas como populares nunca se encontraram em um ambiente autônomo ou fechado em si, a abordagem que pretende analisar a “cultura popular”, sempre estará acompanhada de práticas sociais e de modos de apropriação, resultando na circularidade das ideias. Nessa dependência que existe entre os grupos culturais, encontramos na linguagem ou nos *discursos*, um conjunto de símbolos pensados e articulados em relação aos outros, nunca autossuficiente.

A pesquisa que buscará analisar uma determinada realidade fechada em si, atrelará em sua abordagem os *discursos* produzidos não só pelos grupos culturais que detém o poder, mas também a apropriação e a circularidade realizadas pelos grupos marginalizados pelas instâncias de poder. Em consequência, sempre existirão práticas adversas aos *discursos* produzidos pelos grupos culturais de poder.

Ao se trabalhar com questões voltadas para conceptualização de “cultura popular”, a fixação de práticas para determinados grupos ou a negação de certos hábitos, pois pertencem àqueles que não se encontram estabelecidos em determinadas ordens, são tidos como um dos maiores erros.

### **Referências Bibliográficas**

BACCEGA, Marcus. **O sacramento do Santo Graal**: Decifrando o imaginário medieval. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da História**: Especialidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2014.

BRAUDEL, Fernand. **Escrito sobre a História**. São Paulo: Editoria Perspectiva, 1969.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edição Loyola, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Os três dedos de Adão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

GINZBURG, Carlo: **História noturna**: Decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos o tempo**: ensaios de antropologia medieval. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.